

laboratório de desenvolvimento cultural

Fórum Intermunicipal de Cultura
Itapecerica da Serra-SP

Esta publicação resulta de encontro do
Laboratório de Desenvolvimento Cultural e Identidade,
coordenado pelo
Fórum Intermunicipal de Cultura – FIC e pela
Secretaria Municipal de Cultura de Itapecerica da Serra-SP

O Instituto Pólis conta com o apoio institucional da
EZE - Evangelische Zentralstelle für Entwicklungshilfe

CATALOGAÇÃO NA FONTE - PÓLIS/CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

FARIA, Hamilton; OLIVEIRA, Sônia

Laboratório de desenvolvimento cultural. São Paulo, Pólis, 2001. 52p.
(Cadernos Pólis, 3)

1. Políticas Públicas. 2. Política Cultural. 3. Desenvolvimento Local.
4. Cultura. 5. Cidadania. 6. Condições de Vida. 7. Itapecerica da Serra. 8. São Paulo
(Estado). 9. Barracões Culturais da Cidadania.. I. KAYANO, Jorge.
II. SOARES, Sebastião. III. Pólis. IV. Título. V. Série

Fonte: Vocabulário Pólis/CDI

Cadernos Pólis 3

Coordenação do Laboratório de Desenvolvimento Cultural e Identidade: Hamilton Faria e Francisco Ferron

Coordenação Local do Laboratório: Sebastião Soares

Coordenação Editorial: Hamilton Faria e Sônia Oliveira

Edição de Texto: Sônia Oliveira

Coordenação Técnica da Publicação: Renato Cymbalista

Ilustração de Capa: Marcelo Bicalho

Sumário

Apresentação	05
Indicadores da Condição de Vida em Itapecerica da Serra Jorge Kayano	06
Impressões da Imersão em Campo Hamilton Faria	16
A Dinâmica Cultural do Município Sebastião Soares	27
Desafios para a Ação Cultural do Município Debate	31
Diretrizes para o Desenvolvimento Cultural de Itapecerica da Serra	47
Propostas de Continuidade	47
Dados sobre o município	48

Apresentação

Esta publicação é o resultado de reflexões do Laboratório Desenvolvimento Cultural do Município de Itapecerica da Serra. Entre os objetivos do Laboratório, destacamos a identificação dos principais problemas e desafios do desenvolvimento cultural da região e a avaliação das soluções apontadas pelos diversos atores sócio-culturais. A partir de uma Escuta Cultural desses atores, pretendemos propor políticas públicas voltadas para o desenvolvimento cultural da cidade e destacar ações exemplares que poderão estimular este mesmo desenvolvimento.

O Laboratório é uma iniciativa do Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC), entidade formada por agentes culturais de vários estados do País, com o objetivo de contribuir para a construção da esfera pública da cultura e da cidadania cultural.

Esperamos que esta publicação possa subsidiar a ação cultural em Itapecerica da Serra, particularmente do seu projeto mais importante, os Barracões Culturais da Cidadania. O Laboratório tem o apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Itapecerica da Serra e do Instituto Pólis.

Indicadores da Condição de Vida em Itapeccerica da Serra

Jorge Kayano

Médico e Presidente do Instituto Pólis

O Laboratório de Desenvolvimento Cultural é uma tentativa de resgate da realidade de Itapeccerica da Serra. O objetivo dessa exposição é apresentar alguns indicadores da cidade, mas pretendo não apresentar muitos números, para não termos a sensação de estarmos falando sobre economia. No entanto, acho importante que as pessoas relacionadas à Cultura conheçam esses indicadores, uma vez que a idéia do Laboratório é, de certo modo, investigar qual é a dimensão numérica da Cultura.

O Diagnóstico Sócio-Ambiental Participativo Preliminar da Bacia do Guarapiranga é um mapa elaborado por um conjunto de entidades, liderada por uma ONG chamada ISA - Instituto Sócio Ambiental. Esse mapa tem por objetivo contribuir para o conhecimento da realidade da chamada Bacia do Guarapiranga. Também considero importante a utilização desse mapa porque possibilita uma visão mais ampla da cidade.

Itapeccerica está inteiramente dentro da Bacia do Guarapiranga, sendo que 100% da cidade faz parte de área de proteção de mananciais. O que os realizadores desse mapa dizem é que não adianta olhar somente o reservatório, a represa, porque ela se forma com as águas dos rios que compõem a bacia. E, se não há uma preocupação com o que acontece na nascente em todos esses córregos e rios que formam a bacia, perde-se uma fonte essencial de fornecimento de água para 20% da população da região metropolitana de São Paulo, algo em torno de quatro milhões de pessoas.

Se esses córregos e rios que formam a bacia não forem objeto de preocupação, tendem a se degenerar, porque serão envenenados, poluídos, podendo, inclusive, secar. Geralmente, isso ocorre devido ao assoreamento dos rios, canalizações, ligação direta dos esgotos

residenciais e industriais etc. Assim, se você acaba com as fontes, acaba também com uma bacia que seria essencial para a manutenção da vida das pessoas aqui na região metropolitana.

Na história do crescimento da metrópole paulista, foi necessário procurar água em lugares cada vez mais distantes da cidade. Hoje, continua-se trazendo água de longe, dos altos de Mogi, ou do outro lado da Serra da Cantareira, a custos cada vez mais altos e proibitivos, embora tenhamos aqui perto uma fonte que poderia ser de boa qualidade, mas que já não é mais. Sabe-se, também, que essa água, consumida por 20% da população da região metropolitana, tem problemas porque cada vez mais exige tratamentos químicos para poder ser utilizada.

É importante ressaltar isso porque a cidade está localizada inteiramente, nesse pedaço da bacia, o que tem acarretado um problema muito sério com a Lei de Proteção dos Mananciais. Segundo uma parcela significativa da população, a Lei é a causa de vários problemas do município. Essas normas dificultam, por exemplo, a criação de empregos. E sabemos que a dimensão do desemprego na região metropolitana tem aumentado. Mas numa cidade como Itapecerica, esse problema aparentemente é maior, e muitos o atribuem à Lei de Proteção dos Mananciais. Para mim, isso também é Cultura porque as pessoas estão extremamente preocupadas com a sobrevivência no dia-a-dia. É nesse sentido que a questão ambiental passa a ser encarada como um problema para grande parte da população de Itapecerica.

Assim, temos uma Cultura que supervaloriza a criação de empregos e principalmente, a implantação de indústrias e de serviços. Isso é um rebaixamento da idéia de ambiente. Entendemos ambiente como sendo tudo onde vivemos - a rua, a casa, a vizinhança, as relações que estabelecemos entre nós, e de nós com a natureza -, e não apenas o verde, a água e o ar. É necessário, portanto, termos essa visão ambiental mais ampla porque isso já explica muito a dinâmica de relações sociais que se estabelece aqui, tendo em vista o papel de "reserva ecológica" que Itapecerica desempenha dentro da região metropolitana, apesar de sua crescente urbanização.

De certo modo, a cidade é responsável pela produção de parte da água que é consumida em toda a região. Isso é bem representativo do que significa viver em sociedade. Aparentemente se cria uma lei como essa e, por meio dela, faz-se um esquema de compensação, visto que dá-se uma transferência maior do ICMS, de recursos do Governo do Estado, para compensar as dificuldades de geração de atividade econômica para a cidade.

Traduzir uma lei como essa em termos de compensações para o município por meio de um repasse um pouco maior de ICMS é fazer um rebaixamento do tema. Ressalte-se que essa lei existe em benefício de 16 milhões de pessoas e, no entanto, aparentemente, é tida como um problema para uma parte dos moradores que integram esses 16 milhões. Mas o que os moradores de Itapeverica têm a ver com os 16 milhões? Qual é exatamente o sentimento ou a noção de identidade que as pessoas que moram em Itapeverica têm em relação às pessoas de Taboão da Serra ou da cidade de São Paulo, de Guarulhos, Mogi ou de Osasco? Esse sentimento de identidade é de pertencimento a uma sociedade que cria leis em defesa dessa sociedade, mas onde parte dos cidadãos considera a própria lei um problema.

Tudo isso não pode ser reduzido a uma questão de compensação financeira, pelo fato de a cidade não poder atrair indústrias ou outros setores. O problema é que, muitas vezes, a maioria das leis não são vistas por essa ótica do coletivo. Tenho quase certeza que 95% dos habitantes de Itapeverica desconhecem a existência dessas normas, não conhecem essa história, não entendem porque foi feita uma lei como essa, que aparentemente prejudica a maioria das pessoas da cidade. E não é culpa dessas pessoas. É falta de informação, falta de alguém que tenha tido tempo e disposição para explicar a origem e a importância de uma lei de preservação de mananciais.

Pelo mapa do Diagnóstico sócio-ambiental, podemos perceber que existe uma área distante da represa, mas que está relacionada a ela porque sofre influências da lei de proteção dos mananciais. Nesse caso, de uma lei que foi criada em benefício de 16 milhões de

peçoas, sendo que fazemos parte de uma bacia que concentra algo em torno de 700 mil moradores. Isso significa que os moradores de Itapeçerica representam uma fração da população que, de certa forma, é diretamente influenciada por uma lei.

Aliás, é necessário ressaltar que o município tem uma superfície de 130 quilômetros quadrados. São 15 quilômetros quadrados, de área urbana, em 136 quilômetros quadrados, mais exatamente. Ressalte-se que esses números foram medidos após o desmembramento de São Lourenço. Dessa forma, essas manchas no mapa representam 15 quilômetros quadrados de área urbanizada que, pode-se dizer, já se trata de área desmatada, degenerada e ocupada. Esses números são de um levantamento recente, de 1996, talvez, atualmente estejam mais altos.

Segundo a projeção oficial do IBGE para 1999, Itapeçerica tem 126.700 habitantes. Essa projeção pode ser contestada por uma série de fatores. Mas a projeção é determinante para a definição de repasses de recursos do Fundo de Participação do Município, como também no critério do repasse dos recursos do SUS (Sistema Único de Saúde). E o que interessa aqui é o dado oficial, ressaltando-se que esse número pode ser um pouco maior, chegando até a 130 mil habitantes - O Censo de 2000 apontou 129.156 habitantes.

É fundamental entendermos que, segundo o Censo de 1991, a cidade tinha 93 mil habitantes. Itapeçerica é uma das cidades que mais cresce na região metropolitana de São Paulo nesses últimos anos. A taxa de crescimento é de 5,3% ao ano, período 1991 a 1996, contra uma média de 1,6% do Estado. Isso significa que, mais recentemente, o Estado de São Paulo praticamente deixou de receber gente de fora, ou o número de pessoas que vieram para São Paulo é quase igual ao número de pessoas que estão saindo do Estado de São Paulo. Considero, então, que a capital paulistana já exporta gente para fora porque cresce a uma taxa menor que a taxa de crescimento vegetativo.

Assim, existe mais gente saindo do que entrando na cidade de São Paulo. Por isso Itapeçerica cresce muito mais às custas de gente que é do Estado e que, de certa forma, é expulsa das áreas mais centrais da capital.

E isso revela que parte desse crescimento da cidade é devido a um contingente grande de pessoas que são migrantes de dentro do Estado, que foram expulsas de outros lugares. Ressalte-se que essas pessoas estão ocupando áreas de proteção aos mananciais de forma irregular.

Desse modo, Itapecerica tem um crescimento muito maior que a média do Estado. No entanto, a quantidade de emprego que a cidade oferece não é suficiente para atender a toda a população, resultando um fenômeno que caracteriza o município: grande parte dos habitantes não trabalha na cidade. É exatamente por isso que ainda existe uma mancha muito fortemente ligada a Campo Limpo, que é a estrada que faz a comunicação para o trabalho.

Pode-se dizer, de certa forma, que Itapecerica é uma cidade feita na base da tapeação: formada por pessoas tapeadas, enganadas, roubadas; que compram, de boa fé, terras que não poderiam ser vendidas. Quem está em situação irregular vai ter problemas com a Prefeitura por não poder fazer uma série de coisas; porque, na verdade, nem poderia estar morando lá. No entanto, essa pessoa pagou a alguém pelas terras. Aparecem, então, dois problemas interligados, que são os loteamentos clandestinos e a regularização do imóvel, questões muito abordadas em diversas assembléias do Orçamentos Participativo.

A legalização da casa é um problema recorrente em todos os lugares da cidade. E não é culpa dos moradores. O fato é que alguém leva vantagem por existir uma lei de proteção. Existem pessoas procurando casas porque não têm como pagar aluguel; e pessoas comprando lotes a preços mais baixos porque são lotes irregulares que não poderiam ser vendidos. Por isso que é mais barato e, assim sendo, as pessoas podem pagar pelas terras e ocupá-las. Logo, a maioria dessas ocupações não são ilegais: são ocupações irregulares feitas por pessoas enganadas.

Já expus duas coisas: o problema da questão ambiental, cuja conseqüência restritiva é o loteamento irregular, e a ocupação de áreas e várzeas sujeitas a enchentes e deslizamentos. Há problemas de todas as ordens que caracterizam uma parte das pessoas que

vieram morar aqui; pessoas que ocupam áreas que, teoricamente, deveriam ser de domínio do rio. Então, a pessoa vai lá e toma aquele pedaço do rio e, de vez em quando, o rio vai lá e toma a casa dele. Esse é outro problema sócio-ambiental recorrente da cidade. Por isso, é importante analisarmos todos esses problemas de regularização e tudo o que se refere aos loteamentos.

A Lei de Proteção exige que se tenha um lote mínimo mais amplo para se poder construir numa área menor e preservar a parte maior. Essa é uma lógica perversa que revela que pobre não pode morar em áreas de proteção de mananciais. Enfim, pobre não tem lugar para morar. Estamos falando que existe uma população em torno de 130 mil habitantes que mora em 15 km² de área urbanizada composta, principalmente, por loteamentos irregulares, ou seja, que estão fora da Lei de Proteção de Mananciais. Estamos falando também que a cidade cresce, principalmente, às custas de uma população pobre que vem para cá não pelo emprego, mas para ter um chão para construir, fugindo, assim, do aluguel. É esse o quadro geral da cidade.

Eu expus esses dados porque têm alguma importância para o tema da Cultura. Temos aqui, uma pirâmide etária. Itapeverica, portanto, é uma cidade de gente muito jovem, o que implica saber qual é o perfil de necessidades sociais num lugar como esse, feito de gente que vem para morar e, como se trata de jovens, acaba tendo filhos na cidade. Por conta disso, a taxa de natalidade local é de 27, contra a média do Estado, que é de 20. A natalidade aqui é maior, ou seja, nasce mais gente porque tem mais jovens começando a vida aqui, comprando suas terras, ainda que enganados.

Isso aqui é importante porque necessariamente essa composição etária mais jovem implica em demandas por escolas, por creches e, por outro lado, menos demandas para aquela faixa de idade mais avançada. O que não significa que não haja demandas. Então, quantitativamente o idoso pesa menos nessa cidade. Na média do Estado, a faixa de pessoas com mais de 60 anos representa o dobro da apresentada aqui, registrando-se 8%.

Em Itapecerica, o idoso em geral é esquecido, ninguém quer saber dele porque são poucos e estão escondidos, aparecendo, apenas, no Censo, que descobre que eles existem e que são 4%. Mas o que estou querendo dizer é que a sociedade local não conseguiu responder às demandas da faixa mais jovem; dá menos atenção ao jovem do que deveria, e menos ainda para a faixa de pessoas com idade mais avançada. O idoso não é prioridade diante da prioridade dos jovens.

Na pirâmide, temos uma coisa chamada "taxa de dependência" que, aqui, é relativamente alta. Temos menos gente em idade de trabalhar e mais gente fora dessa faixa etária ativa, que acaba dependendo das pessoas que trabalham. E esse é outro problema de Itapecerica: uma cidade composta basicamente por gente mais pobre que não trabalha no local, onde a taxa de dependência é maior do que a média, se compararmos a outras cidades. Isso, em si, já é um indicador. Mas o que estou dizendo é que, genericamente, usamos indicadores como forma de reconhecer uma certa realidade.

Apesar de nunca ter morado aqui, conheço a cidade por meio de vários números. Em geral, quem mora conhece a realidade no dia-a-dia, mas enfrenta dificuldades para enxergar as possibilidades de mudanças. Quem trabalha com indicadores tem uma referência; pode perceber que aqueles números poderiam ser diferentes, poderiam ser melhores ou menos brutais. Identificando-se os indicadores, e com base em parâmetros, pode-se estabelecer objetivos de mudanças para esses números. E isso pode gerar o que chamamos de metas sociais, além de fornecer também parâmetros de avaliação da sociedade para verificar se essas metas estão sendo atingidas ou não. Por isso acho importante conhecermos Itapecerica também por meio dos números.

Eu estou querendo tomar certos indicadores, não pelos números em si, mas pela utilidade que eles podem ter. Mas, para quem interessa os indicadores? Para quem vive naquela realidade. Mas para quem interessa? Para essa pessoa, que muitas vezes considera essa realidade imutável, olhar as coisas de uma forma diferente, percebendo que dá para mudar. O grande problema é: quem muda? Eu, aliás, faço essa reflexão

pensando nos jovens porque trata-se de uma cidade de jovens.

Existe um índice importante chamado Índice de Condições de Vida (ICV) dos Municípios do Brasil. Esse índice foi feito pelo IBGE junto com a Fundação João Pinheiro, de Minas Gerais. É um índice construído de forma semelhante ao Índice de Desenvolvimento Humano do PNUD (Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento). Esse ICV é calculado com 15 indicadores de diferentes áreas: renda, moradia, educação, infância e longevidade. Cinco conjuntos de indicadores formam o Índice de Condições de Vida. Isso foi feito para todos os municípios do Brasil, sendo que a nota resultante varia de zero a um. A nota de Itapecerica é de 0,746. Parece, então, que a cidade passou, foi aprovada. Mas não é verdade, porque esta é uma nota nacional.

Entre os 4.491 municípios para os quais foram calculados o ICV em 1991, Itapecerica está em 771º lugar. Não está tão mal, digamos que está entre os 20% dos melhores municípios do País. Como se trata de uma nota nacional, 0,74 não diz muito; revela, apenas, que Itapecerica é melhor do que muitas cidades do Nordeste, mas, por outro lado, evidencia que é muito pior do que a maioria das cidades do Estado de São Paulo.

O que eu quero dizer com isso é o seguinte: esse número é de 1991 e, aparentemente, não vale mais, porém, dados de 1996 mostram que um desses indicadores que compõem o Índice de Condições de Vida não mudou tanto assim: 6,3% das crianças de Itapecerica, entre 7 a 14 anos de idade, estavam fora da escola, quase 20%, tinham atraso escolar de mais de 2 anos. Se você junta essas duas informações, vemos que mais de $\frac{1}{4}$ das crianças ou não estão na escola, ou têm um atraso escolar significativo. Também em 1996, na faixa de 4 a 6 anos, apenas 43% das crianças estavam em alguma escola de educação infantil. Em todo o Estado de São Paulo esse número é de 60%. Quer dizer, a oferta de vagas na educação infantil em Itapecerica ainda é pequena.

Outra questão importante é a mortalidade infantil, sobre a qual vou falar rapidamente. Refiro-me à mortalidade de crianças que morreram antes de completar um ano de idade, índice que é dado por número de

mortes para cada 1000 nascidos vivos. Em 1980, esse número era de 83 por 1000. Em 1991, melhora, indo para 40; em 1996 ele estava em 25; já em 1997, sobe para 28. E em 1998, novamente cai para 18. É importante considerar esses indicadores e observar a queda ocorrida em 1998. Pela primeira vez em sua história, Itapecerica passa a ter uma mortalidade infantil abaixo da média do Estado.

Sobre essa questão, a Maria Rosa, da Secretaria Municipal de Saúde, disse que o aumento dos índices de mortalidade infantil em 1997 tem a ver com uma piora sensível na cobertura de pré-natal. Assim, com um pouco de investimento, garantiu-se às gestantes atendimento pré-natal com agendamento - melhorando, inclusive, a qualidade na assistência ao parto -, reduziu-se a mortalidade infantil pela primeira vez na história da cidade, colocando-a abaixo da média do Estado.

Com isso, estou dizendo que cidades como Itapecerica podem perfeitamente assumir como metas sociais a mudança de alguns indicadores, utilizando-se de mecanismos aparentemente simples e de baixo custo, que podem impactar fortemente nos indicadores sociais. Estou dizendo: "é possível", e esses dados da mortalidade infantil demonstram como, realmente, é possível. A Maria Rosa sabe que não é mérito dela, mas da tentativa de reconstruir um sistema em que, por meio dos Conselhos, a população tenha um peso relevante. É por isso que é necessário dar importância à evolução dos indicadores.

Em 1997, por exemplo, 27% do total das ruas existentes na cidade eram pavimentadas, afora as chamadas estradas vicinais. Este número pode ter aumentado agora, mas, de qualquer forma, isso significa que boa parte das ruas ainda se encontra sem pavimentação. O Orçamento Participativo levantou necessidades de investimentos em equipamentos, mas não contemplou a questão da pavimentação. E isso é complicado porque, para muita gente que só mora e dorme, mas passa o dia inteiro fora, a primeira coisa necessária é uma rua para poder sair e ir trabalhar. Se não,

põe o pé para fora, cai no barro, chega sujo e atrasado no trabalho, podendo perder o emprego por isso. Além disso, a população não dispõe de ônibus suficientes para atendê-la. Estou querendo mostrar que algumas coisas melhoraram nesses últimos anos, outras pioraram. Entre as que pioraram, está a Taxa de Desemprego. Não digo que tudo está pior. Mas é preciso entender que muita coisa mudou nesses últimos anos.

Uma outra mudança - que considero impactante para a Cultura - é o fortalecimento de uma mentalidade competitiva, sustentada pelo discurso contemporâneo da sociedade de consumo, que vem dominando fortemente a cabeça das pessoas. Essa Cultura traduz-se no chamado individualismo. Individualismo que, no máximo, preserva a família e os integrantes da mesma igreja da competição. Nessa cultura da competitividade, o que interessa é a sobrevivência às custas dos demais, e não mais a valorização da Cultura da solidariedade. Esse é um aspecto importante porque numa sociedade de consumo temos uma inversão de valores e uma noção de que as pessoas valem mais, não pelo o que são ou pelo o que fazem, mas pelo que têm.

A sociedade de consumo não só estimula o desperdício; ela valoriza o ter sobre o fazer e o ser. E isso é que é a tradução da competitividade: quanto mais você tiver, mais você é. Essa é a tradução da Cultura da sociedade de consumo, e é isso que está prevalecendo cada vez mais fortemente na nossa sociedade. Não me refiro somente a Itapeverica, mas falo em relação a uma cultura dominante que tem grandes efeitos nas periferias das grandes cidades; cultura que apresenta também uma ligação direta com a violência, outro tema muito relevante. O fato é que para muitos jovens, desempregados e sem expectativas de um futuro melhor, o chamado mercado de trabalho ilegal acaba tornando-se atrativo. E nós sabemos que Itapeverica está cada vez mais se consolidando no tráfico de drogas. Junto com o tráfico, cresce a taxa de homicídios, atingindo principalmente os jovens do sexo masculino. A taxa de homicídio de Itapeverica está próxima das mais altas taxas que ocorrem nos bairros periféricos de São Paulo.

Impressões da imersão em campo

Hamilton Faria

Poeta, Secretário Executivo do FIC e diretor da área de Cultura do Instituto Pólis

Pretendo comentar algumas impressões da minha imersão na dinâmica cultural do município de Itapeçerica da Serra. Estive algumas vezes aqui, conversando com a diretoria de Cultura e também com outras pessoas que não estão ligadas ao departamento. Fui às oficinas de teatro, visitei o grupo de mulheres do Santa Julia, fiz algumas reuniões com os vários grupos e conversei ainda com algumas pessoas, individualmente.

O que vou apresentar, portanto, não é um estudo com indicadores. Talvez seja até o inverso da cientificidade do trabalho apresentado por Jorge Kayano, que utilizou-se de números, dados inquestionáveis. Apresentarei algumas idéias para ativar os debates que se seguirão. Trata-se de algumas observações, uma espécie de olhar interno, que será feito sob dois pontos de vista: o da gestão e o dos que vivem esses processos culturais.

Do ponto de vista da gestão, eu começaria pelo significado, por exemplo, de o prefeito Lacir Balduco escolher uma pessoa como o Sebastião Soares para assumir a diretoria de Cultura. Segundo o prefeito, "o mérito de essas coisas estarem acontecendo é todo do Tião". O mérito dessa escolha não é só do Tião, nem só da Prefeitura, mas dos movimentos e das pessoas que compõem a dinâmica cultural da cidade. Geralmente, o que acontece nos municípios é que, como a Cultura é uma coisa secundarizada, ela é menor e, praticamente, não tem nenhuma função dentro das estratégias municipais, sendo uma espécie de entretenimento. As pessoas da Cultura - que muitas vezes são consideradas "os loucos" da cidade ou tidas como aqueles que não levam uma vida padronizada, que não levam uma discussão séria - tornam-se, realmente, um ponto fora da cur-

va. Isso é muito bom porque é aí que está a nossa criatividade: no fato de sermos o ponto fora da curva.

Por outro lado, muitas vezes, a Cultura é vista pela dita "inteligência local", como aquele pessoal que fala coisas sem conseqüência, que não "amarra nada", que só "joga para fora", entre outras definições. Eu acho que a escolha do Tião já denota no município uma certa visão estratégica das possibilidades de construir a Cultura no interior da sociedade de Itapecerica, articulando, de certa forma, outros campos dessa mesma realidade. O Tião é uma pessoa que reúne uma série de requisitos, entre tantos, destaco a sensibilidade à dinâmica do social. E isso eu acho que é uma qualidade rara do gestor na área de Cultura. Hoje, ou a Cultura apresenta uma interface, ou é mais um elemento que gira entre as elites, dialogando no próprio interior destas, sem criar coisas realmente importantes. Logo, a Cultura nesse novo *status* tem que estar associada à questão do social.

A Cultura não é só uma ação que se desenvolve na base: tem que ser transformada em políticas e ainda ser capaz de sensibilizar uma determinada população para os seus valores, para as suas idéias, para os seus trabalhos reais e para seus imaginários. E ela tem que estar contemplada dentro de uma visão de política pública. Isso é muito importante porque, no âmbito municipal, geralmente, a direção da Cultura é considerada uma posição menor dentro da escala dos diversos quadros da prefeitura.

Sendo assim, a Cultura não é posta na mão de pessoas especializadas, passando, geralmente, a atender uma clientela específica. Ou seja, há um clientelismo cultural. É a primeira dama ou os vereadores que querem fazer a sua "não sei o quê" etc. Às vezes, trata-se de pessoas que, embora eu tenha o maior respeito pela contribuição que dão, por exemplo, para a Educação, não estão gabaritadas para aquele espaço cultural de trabalho. Certa vez, foi realizada uma pesquisa no Estado de São Paulo para identificar quem eram os diretores de Cultura e/ou responsáveis pela área em diversos municípios. O resultado, em sua maioria, mostrou que tratava-se de pessoas

que não estavam qualificadas para desempenhar o papel para o qual estavam designadas.

Além das políticas públicas, outra dimensão é a existência de um processo integrador que faz dialogar Educação e Cultura, incluindo-se uma dimensão ética, o que considero fundamental hoje para os novos processos culturais. Para fechar esse quadro inicial, temos o último requisito, que é a dimensão artística. A Cultura é captadora de realidades sensíveis, quer dizer, realidades que não se enquadram aqui ou ali. Nesse sentido, acho que a idéia de futuro é a idéia de "desenvolver-se com arte". Nós temos que conceber o espaço cultural e o espaço do desenvolvimento a todo o momento, com esse diálogo artístico, porque é o artístico que revigora os imaginários, que trabalha as singularidades e especificidades de uma determinada população local. Isso significa tornar o cotidiano mais poético e mais alegre. A idéia da arte como integradora também desse perfil é importante porque, muitas vezes, coloca-se na Secretaria um técnico que vai trabalhar muito bem as leis culturais, mas que não tem poética alguma. Talvez, o grande sucesso é, a todo momento, trabalhar com essas poéticas que surgem aqui e ali, integrando-as a uma visão estratégica de cidade. Esse é um primeiro ponto.

Um outro ponto, ainda sob o viés da gestão: eu diria que apreciava-se em Itapecerica o nascimento de um projeto cultural que tem algumas características importantes. Em primeiro lugar, temos aqui a Cultura entendida como qualidade de vida. Como já disse, a Cultura é voltada para o social, é provocadora das sociabilidades, mas é necessário começar a trazer esse elemento para se pensar a qualidade de vida hoje. Geralmente, as pessoas pensam que só o econômico é que traz a qualidade de vida, mas a dimensão da cultura é de fundamental importância. Hoje, em grandes debates, como os da Unesco, por exemplo, coloca-se a Cultura como um provocador da qualidade de vida porque esta última não é só o que a pessoa come, mas é a barriga cheia e sonhos e valores na cabeça.

Participante: "A gente não quer só comida".

Hamilton Faria : Exatamente. Esses valores são fundamentais para dar essa dimensão à qualidade de vida. Ao meu ver, isso tem sido contemplado dentro do projeto de Itapeverica. Uma outra questão é a recuperação da identidade e da singularidade do município. Eu daria como exemplo esses três últimos desfiles Culturais que aconteceram nas comemorações do aniversário da cidade, em 1997, 1998 e 1999. Em 97, foi trabalhada a idéia da fundação da cidade, na qual o ciclo tropeirista, os imigrantes japoneses, alemães e jesuítas foram representados pelos alunos.

Isso tem a ver com o que o Jorge falou acerca das raízes e do diálogo da modernidade, em que a pessoa é central. Talvez, nessa tensão esteja realmente um projeto de cidade porque, em geral, as pessoas pensam assim: " vamos resgatar". Ou seja, está aí a modernidade se instalando com esse discurso, essa Cultura do ter em todos os lugares. Numa livraria, por exemplo, encontra-se temas, como as 360 e tantas formas de enlouquecer uma mulher, ou um homem, na cama, ao mesmo tempo em que se tem também o I Ching, entre tantos outros assuntos diferentes. Mas se não houver uma combinação entre esse processo das escolhas que a modernidade nos traz com o processo das raízes, entender a dimensão da Cultura resultará numa visão empobrecedora.

A partir do resgate de elementos da formação da cidade, como o dos Ciclos dos Imigrantes, por exemplo, e das contribuições de cada um, constrói-se um imaginário local. Isso é uma questão central porque torna-se um diferencial em relação a outros lugares. Nesse sentido, inclusive, existe uma certa economia da Cultura, porque as pessoas começam a se instalar no município também formado por esse imaginário.

Já em 1998, o tema do desfile foi a representação da cidade pelas pessoas, em que foi retratada a visão da população sobre o transporte, a Cultura, a habitação etc. E em 1999, o tema foi "a cidade do futuro", em que já foi enfatizada a idéia do imaginário

local. É muito significativo que esse núcleo da festa tenha sido transferido do centro para a periferia. A leitura que faço é que, hoje, essa festa começa a ganhar um filão de grande importância para o resgate da identidade, sendo a idéia da identidade e da singularidade elementos fortíssimos na construção de qualquer projeto cultural. É isso aí que vai dando os contornos do município.

Outra idéia, por exemplo, que também explora essa singularidade é a busca de tradições quase ou já extintas. Por exemplo, a festa do Divino, as comidas típicas, os seresteiros serranos, as serenatas são práticas sócio-culturais que organizavam os nossos mitos, o nosso imaginário, e que, hoje, estamos perdendo. Inclusive, esse imaginário tem que ser repostado porque justamente desse diálogo com as tradições que estão lá, quase perdidas, é que você dá visibilidade; é que a Cultura vai se organizando enquanto qualidade de vida.

Por outro lado, há também uma dinâmica local, em que o indivíduo se percebe imerso numa Cultura brasileira. É aí que acontece o resgate da raiz, da qual o Mamulengo, a Congada, a Marujada, a Folia de Reis e a Moçambique também fazem parte. Eu observei que as aulas de teatro do Valdeck de Garanhuns, por exemplo, são verdadeiras aulas sobre a Cultura nordestina, também muito presente, com suas matrizes culturais e etnias, como negros, índios etc. Ou seja, informações que estão quase completamente esquecidas dentro do processo de globalização que vivemos hoje. E é em torno desses eixos que também vamos diversificando mitos e novas referências de sociabilidades.

Certa vez, num dos eventos promovidos pelo Instituto Pólis, o Tião falou sobre as "conversas ao pé de calçada". E o Jorge também fala aqui dessa importância do convívio, do diálogo entre as pessoas, valores que estão se perdendo. Há pouco tempo, eu estive num seminário em que uma colombiana me falou que os jovens do seu país estavam perdendo essa idéia do "Bom dia". "Bom dia" é uma forma mínima de sociabilidade. "Oi, bom dia", quer dizer, é um desejo de que a pessoa tenha um bom dia. Segundo ela, eles reagem:

"Bom dia, não! Bom dia por que?" Ou: "Sabe, não vou ter bom dia, eu sei que não vou ter bom dia!". Às vezes, digo para os meus alunos na universidade: "No próximo semestre, quando eu o encontrar, por favor, diga-me bom dia!". É que, realmente, os jovens perderam muito essa idéia da saudação. Isso é um diálogo mínimo, em que você tem um emissor e um receptor: "- Bom dia!" "- Bom dia!"

A formação para a cidadania, que é outro elemento importante desse projeto Cultural nascente aqui em Itapeceirica, está ligada ao espaço Barracões Culturais. Logicamente, o movimento é mais importante do que o espaço, mas nesse projeto a referência é a própria população, não é a igreja, a sede, a casa do vereador ou a associação. Em vez disso, é um espaço no qual as pessoas e movimentos envolvidos identificam-se; é um espaço para discutir a Cultura contextualizando-a dentro de um projeto social da cidade. E, aqui, a arte entra como um elemento provocador de identidade.

Os Barracões são, por um lado, ponto de referência e, por outro, de formação, em que a arte-educação é central; em que a arte é provocadora de um novo modo de ser e de viver, diferente dos bares, do futebol das várzeas, da tevê etc. Tem-se recuperado, portanto, uma questão importantíssima na Cultura – que os franceses falam muito hoje – o *soi même* – o *si próprio*. E esse reconhecimento individual é um elemento extremamente importante na construção cultural. Sem isso, não existe cidadania, não existem encontros, não existem projetos, não existe absolutamente nada. Atualmente, estamos com a auto-estima extremamente degradada. O papel da Cultura e da Educação hoje é a recuperação desses elementos de auto-estima, porque somente com esse resgate é que a pessoa poderá se constituir inteiramente enquanto cidadão e ser humano.

No Barracão, também é possível as pessoas construírem os seus projetos com autonomia; é um espaço em que se destaca o papel dos jovens. Os Barracões realmente dão uma certa substância e concretização à idéia do projeto cultural, do desenvolvimento cultural da cidade. Nós, do Pólis e do Fórum Intermunicipal de Cultura

(FIC), temos falado bastante na idéia do desenvolvimento cultural. Hoje, a Cultura pode ser considerada como um cenário onde as outras práticas estão imersas, desenvolvendo-se e relacionando-se. Ou seja, se você não pensa no cultural, você pouco pensa na cidade.

Entre alguns limites postos para a Cultura no município que identifiquei, está a ausência de uma cultura da Cultura. Então, ainda hoje, por exemplo, a população não compreende o papel que a Cultura pode vir a ter dentro desse cenário, deixando de ser apenas uma vaga referência a um departamento existente. Geralmente, as pessoas acabam pensando a Cultura como um departamento: o pessoal da Cultura, o departamento da Cultura etc. E jamais pensam numa forma integrada. Como a Cultura pode provocar sociabilidades e propostas nas diversas áreas? Algumas áreas são mais sensíveis, como, por exemplo, Educação, Saúde, Meio ambiente. Muitas vezes, funcionando dentro do mesmo espaço, a Cultura e a Educação não "conversam". Isso é característico em diversos municípios, como se cada departamento competisse com o outro para ver quem mostra mais.

Nesses casos, não há um processo de construção de qualidade em que a Cultura seja um olhar transversal, o que seria, de fato, importante. Quando pensamos em saúde, pensamos na Cultura em relação aos idosos, considerados descartáveis numa sociedade que realmente produz uma Cultura do descartável. Se a Cultura fosse integrada com outras políticas públicas não aconteceria, por exemplo, o que houve com a nova Faria Lima. As pessoas diziam: "isso aí é coisa do transporte". Mas houve uma desapropriação de igrejas, derrubou-se monumentos, centros culturais etc. Ou seja, o pertencimento caiu quando abriu uma determinada via na cidade. Então, Cultura tem, ou não, a ver com tudo?

Para mim, a Cultura será central nos novos cenários do futuro, eu diria, até, que será integradora dessas diversas experiências. É por isso que nós estamos também querendo explorar a idéia dos indicadores culturais. Talvez na própria Itapecerica possamos vir a trabalhar

essa questão. Se você analisa, por exemplo, uma população que passou de um lado para outro de uma determinada barragem: trata-se de uma comunidade que viveu durante milhares de anos – incluindo as gerações anteriores (avós, bisavós etc) – junto daquele rio. Então o rio era seu irmão. O sol tinha uma determinada posição. E, de uma hora para outra, vem um plano de governo e diz: "agora, vocês vão passar para outro lado". Abre-se, então, um posto de saúde e dizem: "puxa! Os indicadores de cidadania aumentaram, melhoraram (...), olha como a população está bem!". Mas eles perderam o central que é o *pertencimento*. Qual o indicador dessa fratura?

No Peru, por exemplo, se um chefe de tribo que tinha um significado mítico na sua localidade ficar bêbado na rua, ele deixa de ser ouvido e, sob o ponto de vista de indicadores culturais, ele passa a ser um escória da sociedade. Ele pode ir, por exemplo, a um posto de saúde e ser tratado, pode até ter comida, mas não tem mais aquela felicidade mítica que dá a ele o *status* dentro da sociedade, o seu lugar de pertencimento.

Nesse sentido, é fundamental a integração entre as várias áreas. A Cultura ainda é vista realmente como departamento, não é transversal. E eu acho que há uma necessidade de uma conversa intersecretarial para definir o seu planejamento, as ações conjuntas. Já existe um indicador importante que é o fato de os Barracões serem reconhecidos, inclusive, dentro do próprio Orçamento Participativo. Portanto, não é mais o pessoal da Cultura ou só o pessoal do bairro que está dizendo: Barracão também é uma política pública importante aqui dentro desse cenário. Aliás, ninguém desenvolve essa ação sem orçamento. Na maior parte dos municípios, a participação da Cultura no orçamento não chega nem a 1%, o que já seria bem alto. Penso que, aqui não existe nem estatística porque é muito menos que 1%. Por isso seria interessante que o prefeito estivesse presente nesse encontro para que visse a centralidade da Cultura e suas possibilidades enquanto um elemento facilitador que viabiliza as políticas públicas de um modo geral.

Vejamos agora algumas impressões que eu tive dos atores nas oficinas de teatro e das integrantes do grupo de dança do Santa Julia. A pergunta chave foi: em que esse trabalho concreto alterou a sua vida? As pessoas da oficina de teatro do Valdeck de Garanhuns, por exemplo, responderam-me que estavam mais pacientes, mais equilibradas, que melhoraram na comunicação e expressão, e que mudaram a relação com os amigos. O Valdeck não estava presente. Eu cheguei e me apresentei, mas não falei que conhecia ninguém da Prefeitura; cheguei, portanto, sem uma comunicação oficial. E os participantes me revelaram que mudou a relação com amigos, que hoje eles têm maiores e novas amizades.

Eles revelaram também que têm um maior interesse para as coisas do mundo. O teatro ajuda a quebrar mitos, como aquele que considera "puta ou maconheiro" quem nele atua. Então, as pessoas disseram que o trabalho ajudou a adquirir mais conhecimentos, afastou-as das más companhias, ensinando-as a viverem melhor, a ocuparem o tempo etc. Uma outra pessoa falou assim: "estou pensando em ser artista, e da Globo ainda". Outra, disse que antes pensava que nunca poderia ser atriz, mas que hoje tem certeza de que pode. Um outro, ainda, disse que "antes, só queria *zoeira*, agora estou ocupado, preciso estudar um texto". Eu não fiz nenhuma entrada sociológica nessas considerações, mas acho que, somente a partir desses depoimentos, já poderíamos fazer uma excelente conversa. Mas, por si, essas afirmativas já nos dão uma certa sensibilidade do que a arte é capaz de fazer. Não se trata de formar um grande artista. Não é esta a questão em jogo. É muito mais o processo de descoberta da pessoa em si do que propriamente a construção do artista, pois não serão todas as pessoas que irão se construir como tal. Sabemos também que a nossa sociedade separou totalmente vida e arte. E esse diálogo tem que começar a existir. Os índios, por exemplo, tocam os instrumentos; seja no trabalho, nos rituais, nas festas, na vida doméstica e cotidiana; vida e arte estão integradas. A nossa sociedade - a sociedade do espetáculo - fez esse divórcio e

começou a vender a arte com um valor de mercado, enquanto a vida foi ficando completamente despoetizada.

Eu fiquei absolutamente petrificado quando visitei cidades italianas e percebi que o italiano consome a arte, mas, na verdade, a vida cotidiana dele é o dinheiro, é o interesse monetário. Já as falas do Sul do país são mais poetizadas, talvez isso aconteça por lá se ter uma condição de vida menos tecnológica. Eu fiquei surpreso porque, mais ou menos, 75% do patrimônio das artes plásticas do ocidente está na Itália. Chega-se lá com um dado desses e, no entanto, ao pedir-se uma informação na rua, um sujeito mal-humorado não dá nem a informação direito. Trata-se de uma pessoa que não está no canal da arte, está completamente fora do canal da arte, mas isso é uma outra questão.

Fiz a mesma pergunta para as mulheres do Santa Júlia: O que mudou na vida e qual o significado da dança e da arte para elas? Entre as respostas, há uma fala muito interessante em que uma das participantes diz: "Eu me tornei mais independente". Imagine só, o significado disso para uma mulher no contexto familiar e no contexto da sociedade! Isso porque, no fundo, a luta das mulheres é essa: a luta pela sua construção enquanto pessoa e sujeito. Elas começaram a desenvolver espetáculos por conta própria. Até nesse sentido, a autonomia se fez presente. Dos dezesseis espetáculos realizados pelas mulheres do Santa Julia, treze foram feitos pelas próprias participantes, num trabalho sem a presença da monitora. Hoje, para facilitar a integração dança e vida, elas estão levando filhos, maridos etc. A dança, dizem elas, passou a ser necessidade. Antes elas se sentiam "burras", "incapazes". Agora, até esquecem os problemas de casa e vencem a timidez.

É interessante essa questão de timidez porque falar em público hoje está sendo considerado um elemento indicador de desenvolvimento humano. Não é só o dinheiro, não é só o carro, você já imaginou a pessoa perder a síndrome da burrice e vencer a timidez? Isso é fantástico! É um indicador de participação e de cidadania funda-

mental, que não pode ser esquecido e que a Cultura traz. Então, o que significa a dança para elas? Amor, paz, alegria, criação, paixão, esperança, saúde, celebração etc.

Encerro minha apresentação falando sobre a idéia do "Desenvolver-se com arte", que eu acho que tem tudo a ver. Precisamos pensar a arte como um elemento fundamental dentro desse cenário de desenvolvimento. Existe uma frase do poeta Pablo Neruda, que diz assim: "Si se termina el amarillo con qué vamos a hacer el pan?" (Se acaba o amarelo, como nós vamos fazer o pão?).

O amarelo tem uma força do brilho, do ouro, da arte, da criação etc. E não se faz pão nenhum sem o amarelo, quer dizer, como fica o sonho de fazer e ter o pão? A idéia dos valores, dos sonhos, está associada ao pão. Uma sociedade que só tem o pão é uma sociedade pobre. É legítimo colocar a idéia de "alimentar a população" como prioridade, mas existem outros alimentos, como a própria Cultura, por exemplo, que tem esse sentido de alimento, inclusive na feitura do pão, a busca por uma sociedade mais feliz.

É por isso que estamos chamando esse trabalho de Laboratório; porque não se tem uma previsibilidade, é uma descoberta. Nesse primeiro encontro, definimos alguns patamares, roteiros etc. Mas na seqüência, podemos chegar à conclusão de que é uma prioridade número um; podemos, até, sair em caravana pelas escolas, fazendo um laboratório itinerante, em que Valdeck de Garanhuns pode apresentar o Mamulengo, e poderemos conversar com a juventude sobre a cultura, sobre drogas, bares etc. Faremos, então, um mutirão Cultural. Essas idéias começam a fermentar, resultando num laboratório porque você prepara um *script*, mas, muitas vezes, a realidade não cabe dentro dele.

A dinâmica cultural do município

Sebastião Soares

Secretário de Cultura de Itapeçerica da Serra

Primeiro eu agradeço a participação de todos vocês. Quero deixar claro que o mérito desse projeto não é só meu. Aqui mesmo, estão presentes todos os meus colaboradores, as pessoas com quem eu trabalho no cotidiano e que fazem Cultura, ou seja, as pessoas que fazem arte para desenvolver-se com arte. A Luciana, da música, o Alberto Soares, produtor de teatro, Luciano, coordenador do Projeto Guri, Luís Mário, Celso Fonseca, das Artes Plásticas, a Rubra, de dança, a Olga, a Dona Bete, o poeta e escritor Maurício, entre outros que estiveram aqui hoje, enfim, todos são os meus colaboradores. Agradeço a todos vocês que participam de uma forma direta ou indireta para o desenvolvimento Cultural e humano aqui em Itapeçerica da Serra.

Lá fora há um painel em que se pode verificar a forte presença da Igreja. As manifestações religiosas sempre tiveram uma participação marcante na cidade e nela se inclui a questão do individualismo à qual Jorge Kayano se referia. Desde o século XVII, Itapeçerica tem essa característica: as contradições ou a formação religiosa apresentam-se como uma dinâmica da cultura local ou regional. Haja visto todo o desenvolvimento ocorrido a partir do tropeirismo, entre outras influências, os imigrantes trouxeram sabedoria para cá, o que reflete um pouco dessa interioridade. Apesar de a Igreja influenciar as principais manifestações culturais da cidade, ainda existem aqui no município diversas manifestações ou seitas.

Embora Itapeçerica apresente características de cidade-dormitório, temos, aqui, bastante gente que faz arte ou Cultura, mas que não tem participação nenhuma nos movimentos culturais que queremos empreender. Já fizemos diversas tentativas de realizações culturais na cidade, mas, em muitos casos, ou as pessoas se omitem ou se negam literalmente a participar, deixando a cargo do departamento de Cultura.

Quando eu comecei a coordenar o Departamento de Cultura, tudo era muito difícil, porque eu não tinha como trazer para cá as pessoas que já trabalhavam comigo em outros municípios ou no estado inteiro. Então, entraram como voluntários, a priori, acreditando primeiro para ver. E depois, mostrou-se esse trabalho na cidade. A partir daí, e com bastante luta, começamos até a criar cargos na área do departamento de Cultura, formado unicamente pelo diretor do departamento. Não existem cargos de cursos nem de eventos. Então, a Cultura, foi sempre vista como a cultura "fazendeira" de festa e, com muito respeito, as pessoas que me antecederam no departamento, talvez até por não terem tido apoio dos prefeitos anteriores para, de fato, "desenvolverem-se com arte", limitaram-se a realizar a tradicional festa de aniversário da cidade e a participar da Festa do Peão de Boiadeiro .

Dessa forma, quando todos nós, que hoje formamos a equipe do Departamento de Cultura, chegamos aqui, tivemos a felicidade de ter um prefeito como o Lacir, que acredita no trabalho e que, por isso, deu abertura, mesmo o município não tendo condição econômica e financeira para investir em Cultura. Isso nem era previsto em orçamento. Eu não tenho muito conhecimento de quanto temos para o departamento de Cultura no orçamento, mas ele deu abertura para que pudéssemos trabalhar, criando, assim, uma nova dinâmica de arte e cultura no município.

A partir daí, fomos à procura de recursos humanos. Em primeiro lugar, formamos a nossa equipe, que é responsável por esse sucesso, ou insucessos, de algumas ações. Somos todos responsáveis por esse empreendimento, inclusive nossos professores, que também se empenharam no trabalho em conjunto, resultando nessa nova cara que a cultura de Itapecerica da Serra apresenta hoje. Tenho dito em muitos lugares por onde passo que o movimento de cultura da cidade hoje é um dos maiores do Estado de São Paulo. O jornal do Embu, inclusive, publicou uma matéria em que havia uma comparação entre Itapecerica e Juquitiba. Atualmente, Juquitiba se destaca no movimento de Cultura

porque tem um coral formado por 12 crianças, enquanto nós temos cerca de 109 atividades de arte e cultura por semana.

Há pouco, eu estava falando sobre a participação da Igreja nos movimentos de cultura e nos bairros. Jorge Kayano falou muito a respeito dessa dinâmica e Hamilton Faria complementou muito brilhantemente. Torna-se até um pouco repetitivo, redundante, falar novamente do que já se abordou antes. Mas, por exemplo, a presença da Igreja na dinâmica cultural dos bairros decorre da inexistência de equipamentos públicos nesses locais.

Hoje, há uma atuação permanente, e eficiente, de instituições nos bairros, por meio da Igreja e de suas diversas manifestações religiosas, de um lado, e de seitas e grupos de violência, de outro. Afinal, atualmente, o jovem vai militar na igreja ou no crime, vendendo drogas ou praticando homicídios. Crime e violência, portanto, tornam-se instituições fortíssimas. Surge, então, uma outra dinâmica, que estamos começando a empreender, que é o projeto Barracões Culturais da Cidadania, um espaço de cidadania, de fato, diferentemente do uso indevido que a direita faz hoje da palavra. O exercício de cidadania presente nas atividades do Barracão proporcionam o desenvolvimento. Como o Jorge falou, as pessoas adotam o individualismo, discutem as coisas pelo que têm; fazem a Cultura do ter.

No Barracão é o inverso disso, é um espaço onde as pessoas participam não pelo o que têm, mas pelo que são: um espaço neutro, onde elas podem levar à discussão todas as suas ansiedades, as suas reivindicações. A militância é uma forma de participar dos movimentos em pé de igualdade; lá dentro, é um espaço de apropriação pública. No Barracão Cultural, as pessoas que chegam, podem se apropriar e garantir a continuidade de ações já iniciadas pelo projeto.

Tenho levado essa questão para ser debatida nas reuniões e visitas semanais que faço aos bairros, para que as pessoas reconheçam a causa como sendo própria. Porque, se alguém entra no Barracão, como disse Hamilton, entra comprometido com a causa. Esses espaços podem vir a se tornar depósito de madeira ou de qual-

quer outra coisa, pois o Barracão Cultural não é, exatamente, o prédio, mas as ações que já começamos a desenvolver.

Esse projeto é uma alternativa para o jovem e também para o idoso. Hoje, estamos construindo um teatro que, provavelmente, será o primeiro da região. Ressalte-se que isso também é fruto de uma luta conjunta, e não apenas minha. Lá, oferecemos alternativas para essas pessoas e evitamos essa cultura do individualismo. Eu acho que nós estamos certos em contar com a população no desenvolvimento do projeto. Basicamente, é isso que está-se fazendo e necessita-se de muito mais iniciativas que incluam a participação da população.

A partir desse encontro aqui, por exemplo, já poderíamos pensar na formação de um Conselho Municipal de Cultura para atuarmos junto às administrações, na elaboração das políticas públicas culturais. Essa comissão teria a atribuição específica de fiscalizar a elaboração de alguns projetos para a Lei de Incentivo à Cultura e para o Fundo Municipal de Cultura que temos aqui.

Assim, pela legislação em vigor, nós teríamos muito mais autonomia. É que essa autonomia foi um pouco cortada pela falta de participação das pessoas de todas as áreas. Esse encontro é um grande exemplo dessa participação, uma vez que temos aqui uma representação de, praticamente, todas as áreas da prefeitura, com exceção do Meio Ambiente, cuja ausência eu lamento e critico. O Meio Ambiente foi convidado e, apesar de Itapeverica ter a peculiaridade de estar numa zona de proteção de manancial e de reservas, não temos, aqui, nenhum representante dessa área.

Quero agradecer a participação da maioria da representação da Prefeitura de Itapeverica da Serra porque, somente assim, poderemos retomar aquilo que a Cultura já faz, que é o exercício da transversalidade. Mas creio que essa dinâmica seria muito mais interessante se houvesse a transversalidade na prefeitura como um todo, e se estivéssemos trabalhando o projeto desenvolvimento humano no Orçamento Participativo, assim como na Promoção Social, na Educação e na Comunicação, aqui representadas, e na Saúde e no Meio Ambiente etc.

Desafios para a ação cultural

Debate

Participante: Esse encontro de hoje é exatamente o início de um trabalho sobre os problemas existentes em Itapeceirica da Serra. Em 133 anos de existência da cidade, nunca se fez isso. Estamos começando a vislumbrar, a visualizar onde vamos poder utilizar esses indicadores para trabalhar a problemática. Eu acho que nós todos aqui estamos de parabéns por essa discussão.

Participante: Uma parcela muito grande da população de Itapeceirica é formada por jovens – cerca de 44%, tem entre 19 e 20 e poucos anos – que têm a necessidade de desenvolver esse processo cultural. E, quando abordamos o jovem, é preciso fazê-lo compreender o idoso porque, afinal de contas, ele virá a ser idoso também. É como se fosse uma medicina preventiva. Ou seja, trata-se de o jovem ser trabalhado agora, para que ele não precise vir a ser um trabalhador quando idoso. Trata-se também de trabalhar o idoso para que ele não se sinta velho, mas um ser participativo e influente dentro do meio que integra.

É necessário fazer um percurso dentro das secretarias para que uma ajude a outra, para que uma comente a idéia da outra, para que exista um processo de crescimento e não um processo partidário, como se dissesse "eu sou melhor do que você, ou eu faço isso melhor". Se a finalidade é a cidade, então tem que haver todo um conjunto trabalhando, e não coisas separadas. Ao meu ver, o que está acontecendo é justamente consequência disso; porque existe uma tentativa de se fazer coisas diferentes para que se consiga alguma coisa diferente, algo melhor do que o outro.

É fundamental a participação da mulher na decisão da política cultural porque quase sempre ela é maioria. Mas quem é que tem a voz? Quem é que decide? Quem é que assina? É preciso inserir cada vez mais essa questão da mulher, não pura e simplesmente como uma coisa bonita, pois não se trata de um prêmio. O fato é que ela é

capacitada, e não interessa se é mulher ou não, se tem poder de participação. Ela é uma cidadã, e pode, por exemplo, assinar um documento tanto quanto um homem. Mas, é necessário sair, inclusive, desse discurso, porque a mulher tem um poder de decisão em todos os sentidos, incluindo-se o processo cultural da cidade e a desmistificação da globalização da cultura.

O fato é que as pessoas só vêem o que a cultura produz através da emoção. Quer dizer, fazemos coisas que emocionam, mas quem está dentro deste fator emocional não percebe o quanto está fazendo, o quanto está suando e "ralando" para repassar o que pretende. Nós colocamos exemplos que, na realidade, é o que acontece com todo mundo que trabalha com a escultura, em que o coração, a emoção, de uma certa forma, ficam até um pouquinho de lado, pois trata-se de racionalização pura. A emoção é uma consequência disso porque todo ser humano tem, e para você traduzir o sentimento, tem que ter a razão para trabalhar a partir de uma realidade, evitando ficar apenas no idealismo.

Por isso, é fundamental criar fatos de cultura com todas as faixas etárias, trabalhar fóruns XXI dentro de cada oficina; criar fóruns de debates com alunos e professores, para que, cada vez mais, as pessoas tenham conhecimento e entendimento sobre o valor da cultura. É necessário ver também como se extrai um valor financeiro porque não se pode trabalhar só com sonho. Esse sonho tem que se transformar em realidade pois é exatamente com ela que se está trabalhando. O sonho, a questão do dinheiro e de trabalho, tudo isso envolve um valor financeiro sobre a cultura. Para mim, essa é uma questão que eu acho que deve ser vista também. Eu acho que tem que se comentar todas essas idéias. Mas é preciso saber que existe uma realidade por trás de tudo isso e que todo mundo quer ser feliz, todo mundo só pensa nisso.

Participante: Só para enfatizar o que Hamilton Faria falou sobre o espetáculo ser um fruto muito espontâneo do processo: às vezes, o processo foi tão bem feito que atenua o espetáculo. No entanto, é perigoso

você começar qualquer coisa pensando no resultado final porque as pessoas chegam nesse espetáculo e vão passar para o outro lado. É como aquele diabo que se faz de maquiado. O pessoal que faz escola sabe muito bem disso. Fragmenta-se o texto, dá-se um pedacinho para cada criança, que decora e depois chega na frente e *bi,bi, bi,bi*, pronto! Acabou! Mas ela nem sabe o que está dizendo - até porque nem mesmo a escola sabe; ela apenas repete o que viu. O processo é muito mais importante do que o resultado. É essa formação de perder a timidez de chegar à frente do público, até de dar um bom dia, pois muita gente por aí diz "bom dia" com a cabeça baixa. Muitas vezes, não é porque o cara é rico, é timidez! É por pura e crua falta de agressividade. Então, o teatro faz isso realmente. É um processo novo, a música, enfim, qualquer tipo de arte. Eu realmente endosso as suas palavras. E as escolas também precisariam participar desse processo; os professores precisariam interagir para acabar com esse negócio de imitar a cidadania da televisão; precisariam fazer com que as crianças entrassem num processo de entendimento, e não numa tentativa de imitar a Carla Perez. Essa conexão tem que ser de todos e para todo mundo que trabalha com grupos de pessoas; é preciso saber que é muito mais importante do que querer apresentar algum espetáculo; é necessário primeiro realizar uma mudança no comportamento das pessoas.

Participante: Talvez, um dos grandes elementos culturais hoje seja você criar realmente espaços de sociabilidades, de conversas entre as pessoas.

Participante: Eu acho que a questão de nunca se ter dinheiro é um desastre. Eu não vejo como se possa enfrentar ações culturais, como os Barracões, por exemplo, visando só dinheiro. Como já foi dito aqui, se você organiza esse grupo para que ele gere renda, isso será feito por meio de uma ação - pode ser uma ação cultural ou de outro tipo -, mas esse grupo vai se organizar e conseguirá obter renda com o trabalho. Eu acho perfeito porque as pessoas estão precisando disso. Mas, creio que essa não deva ser a finalidade última. Há todo um conjunto de ações

que estão envolvidas, e que não levam, prioritariamente, ao dinheiro.

Participante: Em Itapecerica, a cultura é muito glamourizada, mesmo a cultura do evento. A cultura que o Tião faz hoje em Itapecerica incorpora elementos que foram adaptados. Isso já é uma espécie de desmistificação, exemplificada muito bem pela ação permanente dos fóruns descentralizados. A idéia que nasce hoje a respeito do que eu falei sobre o Conselho Municipal de Cultura. E "Conselho e café, toma quem quer". Mesmo criando esse Conselho é necessário que haja fóruns permanentes descentralizados, não só aqui na região central, mas também em todos os bairros e nas próprias oficinas dos barracões culturais já existentes. Isso para definir políticas públicas também permanentes de desenvolvimento humano aqui no município.

FIC: Passemos, então ao outro grupo de questões: Pertencimento: Descobrir a linguagem para atingir a população. Sair do trabalho individual e pensar o coletivo. Canais competentes de comunicação com a população. Criação do Conselho Municipal de Cultura com conceitos regionais. Formação de agentes multiplicadores da cultura.

Participante: Sentimos uma certa dificuldade em definir o desafio e de entender o que já era proposto como solução, ou busca de ação. Achamos que cada desafio vai demandar a busca de uma ação e de soluções. Consideramos também que a maioria da população de Itapecerica é de fora, mas que precisa amar a cidade, sentir que lhe pertence, e que a cidade também pertence à população; é preciso, então, antes de tudo, gostar da cidade. Uma outra questão é descobrir a linguagem para atingir essa população que vem de fora, e que é predominantemente jovem, cerca de 43%. Outro aspecto é sair do trabalho individual; é cada um deixar o seu cantinho, ou cada secretaria o seu gueto, e partir para um trabalho coletivo, tanto em termos de administração, quanto de cada um de nós. Eu, por exemplo, vim

aqui hoje e faço um trabalho individual, mas não estou participando de nenhuma coletividade para resolver nenhuma questão. A outra questão é buscar canais competentes de comunicação com a população. Discutimos algumas formas, mas não chegamos a uma conclusão. Achemos que a criação do Conselho Municipal da Cultura é importante. Só que, de uma forma diferente da que tem sido criada. Achemos que tem que ser um processo de baixo para cima, com uma discussão nos bairros, ou nas várias regiões de Itapecerica, para então se criar um Fórum que eleja esse Conselho Municipal de Cultura. Consideramos também que a formação de agentes multiplicadores de cultura seria legal. A exemplo do que está acontecendo aqui hoje, pode-se fazer reuniões por regiões ou por escolas - não chegamos a fechar isso - para criar multiplicadores da questão cultural, como foi dito aqui. Consideramos ainda que a busca por recursos para a Cultura é um grande desafio, tanto para o poder público, quanto junto a iniciativa privada, no caso da formação de parcerias. Isso é fundamental, senão as coisas não conseguem andar.

Participante: A questão da Criação do Conselho Municipal de Cultura é de fundamental importância para o município.

FIC: Outro grupo: Conscientização. Politização. Existência. Ação. Multiplicação.

Participante: Partimos dos indicadores colocados pelo Jorge. Portanto, partimos do seguinte princípio: é necessário que os agentes que vão dar a largada para o processo cultural tenham formação, para não correremos o risco de colocar, numa reunião como essa, diretrizes que possam estar bastante distantes de um anseio e de uma realidade da cidade. Quer dizer, esse é o começo do começo, é o princípio do princípio. Então, já aproveitando essas iniciativas aqui da cultura com os Barracões, com as oficinas, nós, seres humanos, indivíduos, sujeitos inclinados a pensar alguma coisa chamada

Cultura, consideramos o seguinte: de uma certa forma, por meio de seminários como esse, os agentes receberam uma carga de informações a respeito dos indicadores econômicos, o que possibilita uma localização dentro da sua circunstância de vida econômica, para saberem exatamente onde estão. Eles estão em Itapeverica, de certa forma, morando e vivendo aqui, mas existe algo maior do que a cidade de Itapeverica, que é o mundo. E eles, antes de tudo, estão recebendo a carga de circunstâncias da sociedade de consumo, como bem falou Jorge Kayano. É essa a realidade que direciona esse camarada e direciona a própria cultura. Então, o agente receberia informações aqui, de pessoas do município ou de fora, mas informações que pudessem lhe dar subsídios para começar a pensar na cultura.

FIC: Outro grupo de questões: Política: público *versus* privado. Repensar o isolamento e a competitividade dentro dos grupos: governo, família. Intertransdisciplinaridade. Pensar a integração do município-bairros. Incorporar ações conjuntas Saúde e Educação. Padronizar os talentos da cidade. Criar identidade cultural. Viabilizar espaços adequados. Resgatar espaço para juventude, discutindo valores humanos e sociais. Não departamentalizar a cultura. Criar o Conselho Cultural.

Participante: A vontade política tem que ser suprapartidária. Percebe-se o seguinte comportamento: eu sou daqui, eu sou dali, eu sou de lá, e não existe o interesse comum de realmente viabilizar a cultura, inclusive as pessoas são determinadas pelos grupos que integram: eu sou do grupo do O. P (Orçamento Participativo), outro é do grupo da Saúde, outro é do Meio Ambiente. A coisa está segmentada nessa forma de resgatar atribuições em papéis. É a questão do que é função do órgão público e do que é função da população. O órgão público tem, simplesmente, que viabilizar a manifestação da população. Ou seja, tem que chamar a população e dizer: participem! Para que se organize as pessoas, tem que ter algum conhecimento, tem que ter um canal para elas poderem participar. Não adianta a

gente dizer "Venham todos", sem dar ferramentas. É igual àquela questão da agricultura: foram criados vários acampamentos do Movimento Sem Terra. É só dar a terra e fica o cara lá, olhando a chuva e a terra...! E o que acontece? Não acontece nada! Já com a questão do público *versus* privado ocorre o seguinte: as escolas, as entidades, são públicas, e elas devem ser utilizadas pela população. Então, se você tem um curso, esse curso pode ser dado nesse espaço, na escola ou em outro lugar. Se a cidade tem problemas de espaço, o órgão público tem que viabilizar a utilização desses espaços e não ficar "isso aqui é meu, isso aqui é só para quem é da minha *panelinha*...!"

Participante: Novamente, aparece a questão: "Repensar o isolamento e a competitividade dentro dos grupos do governo e da família". É preciso dar um exemplo, afinal, falamos muito, mas acabamos fazendo pouco. O exemplo não parte nem das pessoas que estão discutindo as questões mais sérias. É "Faça o que eu mando e não o que eu faço". Então, você fica discutindo Cidadania, e o cidadão é maltratado, fica discutindo pobreza, e dividindo cesta básica de uma forma particular. São coisas que acontecem não só em Itapeverica, mas em todos os lugares, que reflete o uso da questão pública como poder pessoal. Eu tenho poder e eu defino aquilo que é bom e o que é ruim para a população. A intertransdisciplinaridade, um tema já abordado aqui por vários grupos, também é fundamental para nós. Pensar a integração do município para não se criar guetos.

Participante: Uma ação cultural deve traduzir anseios da comunidade e, ao mesmo tempo, pertencer à comunidade. Não tem sentido desenvolver uma atividade aqui no centro de Itapeverica para uma população que não consegue vir porque não tem acesso, não tem meios para pagar transporte, não tem meios para comer. Eu acho que deveria haver um órgão, digamos, coordenador das políticas, que não fosse centralizado, pois mesmo essa idéia dos conselhos, dos fóruns, é uma política centralizada.

Participante: Eu acho que a discussão, na verdade, é sobre essas formas criativas. Às vezes, ficamos discutindo sobre o prédio ou o recurso, e não discutimos, por exemplo, o transporte, que pode viabilizar o encontro das pessoas. É necessário ter outras formas criativas para incorporar ações conjuntas do núcleo de Participação popular, de Saúde e de Educação. É que novamente vem aquela visão provinciana de valorizar o que é urbano. Também temos essa visão aqui. Quando se vai fazer alguma coisa, pensa-se logo de onde vem o profissional, se de São Paulo, por exemplo. Não se usa os serviços dos profissionais daqui. As empresas não utilizam mão-de-obra local, e o órgão público, por sua vez, também não utiliza a população que está aqui. Como exemplo, podemos citar o Hospital de Itapeverica, que contrata um monte de gente de fora, resultando numa briga danada para contratar pelo menos o básico do serviço da população daqui. Então, não que seja necessário fazer uma barreira: quem é de fora não entra! Não é isso. Mas, se os talentos existem na cidade, por que não aproveitá-los? Pensamos sempre: quem não é de Itapeverica é que é valorizado. Até a Festa do Peão de Boiadeiro, que não tem nada a ver com Itapeverica, mas vem os caras "lá não sei de onde" e destróem a grama, acabam com tudo, sujam tudo. E o que tem da cultura de Itapeverica? Eu não vejo nada. Falamos muito dos outros, mas não fazemos o próprio órgão de alguma maneira viabilizar o *status* para discutir a cultura da cidade. E na hora que tem a chance, não valoriza. E a identidade cultural com aquela questão dos 50% da população que é de fora, quer dizer, a gente dá descontos, ajuda a criar, viabilizar espaços adequados, que são novamente espaços para, na verdade, resgatar outros, não só para a juventude, mas, de uma maneira geral, para discutir valores sociais e humanos. Se não existe um espaço cultural adequado, se não há um meio de comunicação, um cinema, um teatro, enfim, se não há um espaço onde você respire cultura, fica complicado. Vai-se criar identidade cultural do quê? É preciso não departamentalizar a cultura, e esse foi um tema que apareceu em

todos os grupos. O conselho da cultura deveria ser autônomo e refletir sobre o que está acontecendo na comunidade.

Participante: O Parque Paraíso é um exemplo de um espaço que tem que ser revisto, pois vai dar margem a comentar cultura dentro da cidade de Itapeverica. É que, além do teatro, existem outros espaços físicos agregados que podem vir a valorizar e criar talentos, como os espaços reservados a outras oficinas artísticas, aos projetos Barracões Culturais. Essa questão do público ser privado não acontece só aqui, acontece também em São Paulo e em outros estados. Trata-se, por exemplo, de o diretor da escola se sentir o dono da escola; o padre se sentir o dono da igreja; a merendeira se sentir a dona da cantina. E quando você chega com um projeto desses, que precisa de espaços culturais, é informado de que a Cultura não é reservada para esse espaço e, mesmo quando a Prefeitura e o Estado têm o espaço, esbarra-se, muitas vezes, nos pseudodonos dos órgãos, já que as pessoas se sentem donas e, em geral, não cedem o espaço, ainda que saibam que este não lhes pertence, mas à população.

Participante: Podemos repensar essa questão da violência urbana entre os jovens dentro das escolas. Dentro, porque na realidade o jovem não encara a escola como a casa dele: ele simplesmente deteriora, quebra tudo. Mas, se a escola passa a ser um espaço de convívio cultural e social desse aluno que dentro dela vem estudar, o fator estudar passa a ter uma outra visão para o próprio aluno porque ele sabe que quando sair da escola, do horário de ensino, ele pode retornar para jogar futebol ou basquete, para pintar, desenhar, interpretar ou dançar. Isso é a parte da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade; dessa comunicação que tem a ver entre a Cultura e a Educação, a Saúde de todos os órgãos. Eu acredito que toda a questão cultural esteja justamente vinculada a essa outra questão: abrir todos os espaços à população porque afinal eles lhe pertencem.

Participante: Algo muito positivo desse encontro é o conhecimento de uma realidade que já se vive. Na verdade, eu não vi como desafio. E eu explico por que: para mim, de uma certa forma, transpôs-se, aqui, um projeto já iniciado. Eu acho que, para termos algo forte e estruturado, precisamos partir da realidade. Já vejo, então, como passado, inclusive, esse resgate do espaço para a juventude e discutir valores sociais e humanos - porque já acontece diariamente dentro do projeto de Cultura que desenvolvemos. O que acho importante, de fato, nesse encontro é o conhecimento desse projeto, de tudo que ele já alcançou, de todo o objetivo que tem e de tudo o que vem desenvolvendo, porque os desafios agora são outros; eles surgem a partir do ponto que estamos. Existem outras coisas: a integração do município por meio da integração dos bairros, fato que também já vem sendo promovido, assim como a formação do exército da cultura com pessoas que estão produzindo, pensando, criando dentro dos bairros. Na última Festa do Folclore, fizemos uma integração muito legal de todos esses bairros que já vêm construindo essa identidade cultural, e que precisam de um fortalecimento, assim como redimensionar várias coisas que estão propostas como desafio. Para mim, os talentos da cidade têm sido valorizados, mas acredito que podem ser muito mais. Muita coisa eu não vejo como desafio e mais como um desconhecimento daquilo que já vem sendo feito.

Participante: Esses desafios mostram realmente o abismo que existe entre os departamentos e as secretarias. Quer dizer, primeiro é o departamento e uma secretaria que não conhecem as cento e tantas oficinas que o projeto "Barracões Culturais " possui, o que este tem desenvolvido e a forma como vem trabalhando. Tudo isso é muito importante pois o que se tornou realidade, um desafio, não é nem o que está se propondo a procurar mais desafio, é justamente o que a secretaria, a comunicação da secretaria, pode fazer.

Participante: Nisso está a importância desse encontro. Eu

percebi, agora, que as próprias pessoas que estão pensando esse desenvolvimento cultural sabem em que ponto se encontra a Cultura de Itapeçerica, em que ponto se encontra esse trabalho.

FIC: Um dos objetivos desse Laboratório de Desenvolvimento Cultural é fazer um mapeamento dos desafios de Itapeçerica.

Participante: Existe uma questão do Meio ambiente que, na minha opinião, não está explícita. Estamos inseridos 100% na área de manancial. E isso não aparece nos debates.

Participante: O espaço urbano, a cidade que a gente quer. Isso é um desafio pesado e tem que ser pensado.

Participante: Sobre essa questão, gostaria de esclarecer melhor, a respeito do uso do Plano Diretor pelo qual brigamos bastante com os técnicos que o elaboraram. Convidamos um pequeno grupo formado por algumas pessoas para discutir exatamente a cultura dessa cidade, porque senão ia resultar num Plano enorme. Assim, tomamos conhecimento de algo tão importante como o Plano Diretor, que delineia o projeto de Cultura da cidade, incluindo todos esses dados. O que faremos agora? Faremos um novo plano diretor ou repensamos a cidade? São duas formas diferentes. Não sei como fazer.

Participante: É um momento difícil para pensarmos a cidade. Hoje, até o governo está interferindo na questão. Nós fizemos fóruns na área social, socio-econômica, enfim, urbana, e agora teremos o resultado. Não sabemos o quanto esses fóruns, com participação popular, estão contemplados dentro do Plano Diretor, que é um instrumento a longo prazo, construído, em princípio, a várias mãos, mas que foi fechado.

FIC: Estou sentindo falta aqui do debate sobre a violência contra a mulher. Essa idéia, por exemplo, da cultura da violência, a cultura da paz ...

Participante: A princípio, está-se dentro de um espaço físico, mas está-se resgatando, a partir do trabalho artístico, a cidadania, a valorização do indivíduo como ser humano, o estímulo, a autoestima, tudo isso. A violência, na realidade, pode não ter aparecido enquanto palavra, mas quanto a um ponto de discussão dentro dos projetos, ela é constante.

Participante: Na realidade, o que eu vejo que está sendo feito pelo projeto é justamente essa questão de construir o futuro da cidade, porque se está trabalhando com o outro lado da população que, na realidade, políticos, arquitetos, e outros cidadãos de Itapeverica não apreendem. O projeto contempla essa parcela da população para que, mais à frente, as pessoas que a compõem não se tornem um marginal. Quer dizer, não apareceu a palavra Violência, mas o tema em si foi abordado.

FIC: Mas eu gostaria de fazer aparecer porque acho que toda essa ação leva a uma não-violência como um subproduto. É lógico que existem cenários constituídos pela violência, como é o caso de Itapeverica, que apresenta índices alarmantes de criminalidade. Hoje, por exemplo, uma das questões mais enfatizadas nas discussões do FIC é a cultura da paz. A paz nas escolas, por exemplo, está ganhando espaço. Eu mesmo fui convidado para dar uma palestra em São Bernardo sobre jovens, a cultura e a questão da violência. Não é só uma implicação no trabalho do dia-a-dia: é necessário fazer verdadeiras campanhas, gincanas, caravanas, para tornar pública essa discussão. Eu estive há pouco tempo na Colômbia onde existe uma pessoa que faz as arbitragens dos conflitos de rua; ela é especializada nas arbitragens dos conflitos de rua, ela faz a mediação dos conflitos. Nós estamos chegando a esse ponto em que algumas regiões vão precisar de uma pessoa para fazer esse tipo de arbitragem. A questão da paz tem que ser assumida pela política pública em todas as secretarias.

Participante: É que nós já fizemos o movimento no Jacira, que esse ano aconteceu no dia 29 de maio, quando realizamos uma Caminhada pela Vida. Essa caminhada contou com, aproximadamente, 6.000 participantes. E esse foi um trabalho conjunto com a comunidade, secretarias de Saúde e de Cultura, além de algumas outras áreas da Prefeitura.

FIC: As pessoas acham que isso de não-violência é coisa da Índia ou que essa campanha pela paz é apenas da Igreja.

Participante: Isso poderia entrar em intertransdisciplinaridade porque um trabalho contra a violência necessita da união de todos.

Participante: Eu acho que é necessário resgatar papéis porque antes, ou entregávamos tudo para o Estado, ou, como acontece agora, tudo para a comunidade. É uma coisa leviana entregar tudo e falar assim: - "olha, o Orçamento Participativo é que vai definir tudo". Depois, eu pensei: no ano que vem haverá "você decide", e o que vai ser feito na cidade? E o governo?

FIC: Então vamos ler: Territorialização. Mapeamento da realidade cultural. Trabalhar a mídia. Promover a integração da cultura local. Construção de Fóruns (...). Agentes culturais. Elaboração dos programas dos projetos culturais. Promoção de uma política transdisciplinar. Prefeitura. Participação da mulher. Criar fóruns permanentes de Cultura em todas partes. Sensibilizar a população para o pertencimento. Descobrir a linguagem para atingir a população. Sair do trabalho individual para pensar o coletivo. Canais competentes de comunicação para a população. Criação do Conselho Municipal de Cultura com Conselhos Regionais. Formação de agentes multiplicadores da cultura. Financiamento da cultura. Seminários para discussão. Conscientização - politização, resistência, ação, multiplicação, vontade política. Resgatar papéis público e privado. Repensar o isolamento e a competitividade dentro de grupos. Pen-

sar a integração dos municípios e bairros. Valorizar os talentos da cidade. Criar identidade cultural. Viabilizar espaços adequados. Resgatar espaços para juventude discutindo os valores humanos e sociais. Não departamentalizar a cultura. Interface meio ambiente e cultura. Construir o futuro da cidade que queremos. Criação de uma secretaria de cultura. Construção da paz na cidade que cresce.

Participante: E criar verba para cultura no orçamento do município.

Participante: Há a necessidade de se valorizar o talento da terra.

FIC: Eu acho que essa questão talvez pudesse ser posta também junto à idéia do local, quando surgiram desafios de vários lugares. Em muitos municípios, tem-se um pacote feito. Então, convida-se o Chitãozinho e Chororó, aqueles artistas globais, e acaba não sendo dado o menor estímulo pro local. No entanto, é o artista local que vai resgatar as raízes, e imaginários, que vai dar as narrativas para cidade. Ele vai desenvolver essa idéia de pertencimento, e, em torno dele, circulam outros discursos, outras experiências. Então, eu acho que o desenvolvimento local também está fechado. Inclusive, eu quero destacar que, hoje, o agente cultural é global e local. Se ele olhar só a rua dele e não se conectar com o mundo, ele está por fora porque, às vezes, as decisões estão sendo tomadas em outros lugares, os circuitos são outros. Grupos como o Ilê Ayê, como o Olodum, estão no circuito internacional de artistas da África, do Caribe etc. Eles trazem aquela riqueza toda para o seu lugar. Agora, o que não dá para fazer é aquela história da carta do índio americano que escreve para o presidente dos Estados Unidos informando que os caçadores de sua tribo iam estudar nas universidades e quando voltavam não queriam mais caçar. Eles voltavam com outra cabeça, com a cabeça do homem civilizado. Então, como garantir essa riqueza para o local? Tudo bem que o artista vá, mas que também traga retorno.

Participante: (...) Uma coisa é a estupidez e a outra é a verdadeira cultura.

Participante: Fazendo uma ponte com a questão da necessidade de uma troca, talvez seja o caso de nos apropriarmos do que já existe, extraíndo o que vai servir para nós. Então, Chitãozinho e Chororó pode até denegrir a cultura, mas alguma coisa boa que possamos aproveitar eles devem ter.

Participante: Alguém estava falando do Bumba-meu-boi, no Maranhão e do forró, no Ceará. Você pode ver que esses lugares vivem hoje uma mudança. A criança dança uma música, o velho dança outra. É preciso descobrir uma linguagem para envolver adolescente, criança e velho. Linguagem é uma manifestação artística, é um jeito artístico de as pessoas se manifestarem.

Participante: Mas há o risco de ocorrer a imposição de uma elite cultural ...

Participante: Há. Mas hoje é muito difícil. Imagine: o Teatro Municipal impõe determinados padrões, mas o resto é mídia, são grandes produtos de comunicação de mercado, como as "ondas" do *axé-music*, que já estamos cansados de ver.

Participante: Mas, às vezes, é partindo do *axé* que se pode achar um caminho para início de uma linguagem com o grupo.

Participante: Você falou sobre a linguagem, mas isso vai nos retirar do trabalho individual e levar para o coletivo, que também é muito importante.

Participante: A complementação dessa questão seria a experiência do nosso cotidiano, que Hamilton Faria já citou, que é o uso

da linguagem. Se quero empreender um teatro no Jardim das Esmeraldas e o pessoal está querendo dançar...?! É a mesma coisa de você trazer peixe ornamental de Natal para criar no Rio Tietê, o que seria meio esquisito!

Participante: Eu acho esse problema muito sério, pois não é fácil quando você quer transformar uma sensibilidade estética. Por exemplo, o que o grupo da terceira idade mais gosta é dançar. Eles fariam baile da terceira idade de segunda a sexta. Mas, chega uma hora em que você quer propor ao idoso fazer teatro, quer ensiná-lo a se vestir, a se maquiar, a assistir a uma palestra, a fazer um curso terceirizado etc. Às vezes, não significa simplesmente atender o desejo manifesto, mas ir um pouco além.

Participante: Se você não partir de imediato do Leandro e Leonardo, ou da música *Boquinha da Garrafa*, você não tem condições de trabalho. Então, sempre começamos com o que as pessoas têm, com o que elas conhecem, enfim, com o que está na mídia.

FIC: Alguém pode explicar do que se trata a Oficina de Linguagem?

Participante: Trata-se de uma oficina que encontre uma forma de comunicação que possibilite chegarmos mais perto dos nossos objetivos. Quando conhecermos essa população, chegaremos mais perto e seremos mais eficientes.

Participante: É a primeira vez que eu participo de um encontro como esse e fiquei maravilhada. Não imaginava que poderiam existir grupos tão empenhados com a questão da transformação social; um grupo, realmente, preocupado com os problemas que vêm assolando a humanidade.

Diretrizes para o Desenvolvimento Cultural de Itapeçerica da Serra apontados pelos participantes

- Promoção de uma política transdisciplinar na Prefeitura
- Interface Meio Ambiente e Cultura
- Ação conjunta da Cultura e Educação
- Promover integração da cultura local com as que chegam de fora
- Realizar mapeamento cultural de Itapeçerica da Serra
- Criar Fóruns permanentes de cultura
- Barracão como espaço de trocas sociais/humanização
- Valorizar os talentos da cidade
- Criação do conselho municipal de cultura (com conselhos regionais)
- Afirmção da Diversidade Cultural
- Garantir verba para cultura no orçamento municipal
- Orçamento próprio destinado à cultura (autonomia)
- Captação de recursos financeiros para a Cultura
- Resgatar espaço para a juventude, discutindo valores Humano-Sociais
- Construção da paz na cidade
- Trabalhar a mídia comunicação (criação de jornal local)
- Promover a participação da mulher nas decisões da política cultural
- Inserção da população idosa nos programas e projetos culturais
- Canais competentes de comunicação com a população
- Formação de agentes multiplicadores de cultura
- Sensibilizar a população para o Pertencimento
- Criação de uma secretaria de cultura

Propostas de continuidade

- Analisar e mapear as ações prioritárias
- Realizar outros encontros
- Realizar oficinas de linguagem
- Aprofundar os desafios e relacioná-los com ações

Dados gerais

Distância de São Paulo: 33 Km (medidos a partir da Catedral da Sé)

População: 124.156 habitantes

Área total: 136 Km²

Área urbanizada: 15 Km²

Área dentro da Lei de Proteção aos Mananciais: 100%

Taxa de urbanização: 98,99%

Fontes: IBGE (censo 2000); Instituto Geográfico e Cartográfico;

Emplasa - DIC/CIE/CIG

O **INSTITUTO PÓLIS** é uma entidade civil, sem fins lucrativos, apartidária e pluralista. Seu objetivo é a reflexão sobre o urbano e a intervenção na esfera pública das cidades, contribuindo assim para a radicalização democrática da sociedade, a melhoria da qualidade de vida e a ampliação dos direitos de cidadania.

Sua linha de publicações visa a contribuir para o debate sobre estudos e pesquisas sobre a questão urbana. Volta-se para o subsídio das ações e reflexões de múltiplos atores sociais que hoje produzem e pensam as cidades sob a ótica dos valores democráticos de igualdade, liberdade, justiça social e equilíbrio ecológico. Tem como público os movimentos e entidades populares, ONGs, entidades de defesa dos direitos humanos, meios acadêmicos, centros de estudos e pesquisas urbanas, sindicatos, prefeituras e órgãos formuladores de políticas sociais, parlamentares comprometidos com interesses populares.

A temática das publicações refere-se aos campos de conhecimento que o **INSTITUTO PÓLIS** definiu como prioritários em sua atuação:

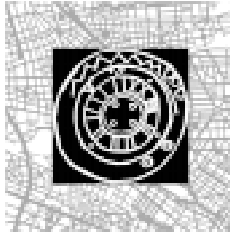
Desenvolvimento Local e Gestão Municipal – democratização da gestão, descentralização política, reforma urbana, experiências de poder local, políticas públicas, estudos comparados de gestão, indicadores sociais.

Democratização do Poder Local e Construção da Cidadania – lutas sociais urbanas, conselhos populares, mecanismos jurídico-institucionais de participação, direitos de cidadania.

Sustentabilidade, Cultura e Qualidade de Vida – desenvolvimento cultural, políticas culturais, programas de combate à fome, políticas de segurança alimentar, saneamento ambiental, políticas ambientais.

Estes campos de conhecimento são trabalhados na dimensão local e apresentam três linhas de trabalho como referencial analítico: a discussão sobre a qualidade de vida, a busca de experiências inovadoras e a formulação de novos paradigmas para a abordagem da questão urbana e local.

Para isso, o **INSTITUTO PÓLIS**, além das publicações, realiza seminários, cursos, workshops, debates, vídeos, pesquisas acadêmicas e aplicadas. Possui uma equipe de profissionais habilitados para responder às exigências técnicas e às demandas próprias para a formulação de um projeto democrático e sustentável de gestão pública.



PÓLIS

INSTITUTO DE ESTUDOS,
FORMAÇÃO E ACESSORIA
EM POLÍTICAS SOCIAIS

Diretoria: Nelson Saule Jr. (presidente), Jane Casella, Sílvio Caccia Bava, Veronika Paulics.

Equipe Técnica: Ana Claudia Chaves Teixeira, Anna Luiza Salles Souto, Christiane Costa, Eduardo de Lima Caldas, Hamilton José Barreto de Faria, Janaína Valéria de Mattos, Jane Casella, Jorge Kayano, José Carlos Vaz, Kazuo Nakano, Maria do Carmo A. A. Carvalho, Maria Elisabeth Grimberg, Nelson Saule Jr., Osmar de Paula Leite, Raquel Rolnik, Renato Cymbalista, Ruth Simão Paulino, Sílvio Caccia Bava, Sônia Oliveira, Veronika Paulics.

Estagiários: Cláudio Cavalcanti Lorenzetti, Weber Sutti.

Conselho de Administração: Ana Amélia da Silva, Ana Luiza Salles Souto, Aziz Ab'Saber, Francisco de Oliveira, Hamilton José Barreto de Faria, Heloísa Helena Canto Nogueira, Jane Casella, José Carlos Vaz, Ladislau Dowbor, Marco Antonio de Almeida, Maria Elisabeth Grimberg, Martha Esteves de Almeida Gil, Nelson Saule Jr., Osmar de Paula Leite, Paulo Augusto de Oliveira Itacarambi, Peter Spink, Raquel Rolnik, Sílvio Caccia Bava, Tereza Belda, Vera da Silva Telles, Veronika Paulics.

publicações pólis

- 01 Reforma Urbana e o Direito à Cidade (Esgotada)
- 02 Cortiços em São Paulo: o Problema e suas Alternativas (Esgotada)
- 03 Ambiente Urbano e Qualidade de Vida
- 04 Mutirão e Auto-Gestão em São Paulo: uma Experiência de Construção de Casas Populares
- 05 Lages: um jeito de governar
- 06 Prefeitura de Fortaleza: Administração Popular 1986/88
- 07 Moradores de Rua
- 08 Estudos de Gestão: Ronda Alta e São João do Triunfo
- 09 Experiências Inovadoras de Gestão Municipal
- 10 A Cidade faz a sua Constituição
- 11 Estudos de Gestão: Icapuí e Janduí
- 12 Experiências de Gestão Cultural Democrática
- 13 As Reivindicações Populares e a Constituição
- 14 A Participação Popular nos Governos Locais (Esgotada)
- 15 Urbanização de Favelas: Duas Experiências em Construção
- 16 O Futuro das Cidades (Esgotada)
- 17 Projeto Cultural para um Governo Sustentável (Esgotada)
- 18 Santos: O Desafio de Ser Governo
- 19 Revitalização de Centros Urbanos
- 20 Moradia e Cidadania: Um Debate em Movimento
- 21 Como Reconhecer um Bom Governo?
- 22 Cultura, Políticas Públicas e Desenvolvimento Humano (Esgotada)
- 23 São Paulo: Conflitos e Negociações na Disputa pela Cidade
- 24 50 Dicas – Idéias para a Ação Municipal (Esgotada)
- 25 Desenvolvimento Local – Geração de Emprego e Renda
- 26 São Paulo: a Cidade e seu Governo – O olhar do Cidadão
- 27 Políticas Públicas para o Manejo do Solo Urbano: Experiências e Possibilidades
- 28 Cidadania Cultural em São Paulo 1989/92: Leituras de uma Política Pública
- 29 Instrumentos Urbanísticos contra a Exclusão Social

- 30 Programas de Renda Mínima no Brasil: Impactos e Potencialidades
- 31 Coleta Seletiva: Reciclando Materiais, Reciclando Valores (Esgotada)
- 32 Regulação Urbanística e Exclusão Territorial
- 33 Desenvolver-se com Arte
- 34 Orçamento Participativo no ABC: Mauá, Ribeirão Pires e Santo André
- 35 Jovens: Políticas Públicas – Mercado de Trabalho
- 36 Desenvolvimento Cultural e Planos de Governo
- 37 Conselhos Gestores de Políticas Públicas

cadernos pólis

- 01 Conselhos de Habitação e Desenvolvimento Urbano
- 02 Direitos Humanos e Políticas Públicas
- 03 Laboratório de Desenvolvimento Cultural

para adquirir publicações pólis

Procure o Centro de Documentação e Informação do Instituto Pólis no telefone (0xx11) 3085.6877 ou pelo correio eletrônico: cdi@polis.org.br

PÓLIS – INSTITUTO DE ESTUDOS, FORMAÇÃO E ASSESSORIA EM POLÍTICAS SOCIAIS

Rua Cônego Eugênio Leite, 433 - Pinheiros - CEP 05414-010 - São Paulo - SP
telefone: 0xx11 3085.6877 / 6089 / 6345 / 6963 - fax: 0xx11 3063.1098
endereço eletrônico: polis@polis.org.br - sítio na internet: www.polis.org.br

Esta publicação foi editada no Instituto Pólis com textos compostos em fonte Rotis Semi Sans em agosto de 2001.